

**Análise de relatos que abordaram o esporte
nas aulas de educação física:
indícios de uma mudança paradigmática¹**

**Analysis of reports which have approached the sport in
Physical Education lessons:
evidences of a paradigmatic change**

Marcos Garcia Neira²
mgneira@usp.br

Resumo

O artigo discute como os professores participantes de quatro edições de um evento destinado à socialização e discussão de práticas pedagógicas abordam o esporte nas aulas de educação física. Para tanto, foram analisados os relatos de prática disponíveis nos anais do evento. O relato de prática documenta uma trajetória pedagógica, apresenta informações relevantes sobre os objetivos pretendidos, as ações desenvolvidas e os efeitos desencadeados nos estudantes. O processo de análise do material compilado permitiu a distribuição das experiências narradas em dois diferentes grupos. Uma pequena parcela dos trabalhos pedagógicos se voltou ao ensino da modalidade mediante a aprendizagem de técnicas corporais, enquanto a maior parte dos relatos descreveu ações didáticas que objetivaram o desenvolvimento da criticidade dos alunos com relação à ocorrência social do esporte. A constatação indica uma mudança paradigmática da área que não pode ser desprezada.

Palavras-chave: Educação Física, Esporte, Ensino, Prática pedagógica, Escola

Abstract

The article discusses how teachers participating in four editions of an event aiming the socialization and discussion of pedagogical practices approach the sport in physical education classes. Therefore, it was analysed the reports of practice available in the annals of the event. The practice report documents a pedagogical path and presents relevant information on the intended objectives, the actions taken and the effects triggered in students. The process of analysis about the material enabled the distribution of compiled experiences reported in two different groups. A small portion of the pedagogical work turned to teaching the sport by

¹ Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq

² Doutor em Educação e Livre-Docente em Metodologia do Ensino de Educação Física. Professor Associado da Faculdade de Educação da USP.

learning physical techniques, while most reports described didactic actions that focused on the development of student critical positions towards the social occurrence of sport. The finding indicates a paradigmatic change of the area that cannot be neglected.

Keywords: Physical Education, Sport, Education, Teaching practice, School

1. Introdução

A década de oitenta do século passado foi bastante promissora na disseminação de críticas ao ensino esportivo que vigorava nas aulas de educação física. Se as análises, quase sempre pautadas na teorização marxista, eram ricas, o mesmo não pode ser dito das recomendações para o trabalho pedagógico com o tema esporte. A obra de Kunz (1994) é a exceção que foge à regra, ao apresentar sugestões exequíveis para todos aqueles que, conscientemente, buscavam alternativas às propostas voltadas para a simples fixação de gestos característicos da modalidade ensinada.

É verdade que, nestes vinte anos que nos separam da primeira edição do livro de Kunz, a produção da área segue em busca de alternativas, pois parecem bastante claras aos profissionais as diferenças entre a função social da escola e as demais instituições em que, por ventura, o esporte tenha lugar. Ou seja, há um certo consenso que os métodos utilizados por clubes e escolinhas não são adequados às aulas de educação física na escola. O problema é que muita energia tem sido gasta para repelir as antigas propostas, em vez de experimentar e investigar novas possibilidades.

É isso que fez surgir o interesse em analisar como os professores vêm enfrentando essa questão, como abordam as práticas esportivas em suas aulas, quais seus objetivos e as atividades que utilizam. A realização deste estudo permitiu identificar que espécie de alternativas foram elaboradas, em substituição ao mero ensino esportivo.

2. Método

Para discutir os significados atribuídos ao trabalho pedagógico com o esporte nas aulas de educação física, analisamos as experiências relatadas nas cinco edições do Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, disponíveis no portal eletrônico do evento³. Realizado no mês de julho dos anos de 2006, 2008, 2010, 2012 e 2014, o evento se destina à socialização e discussão de experiências pedagógicas. Tem como intenção analisar e divulgar diferentes propostas em desenvolvimento nas escolas de educação básica e suas repercussões na sociedade (FEUSP, 2014).

O “Semef”, como é chamado, destina-se exclusivamente a professores em atuação. Durante dois dias, são apresentados e debatidos relatos de prática, previamente disponibilizados no portal eletrônico do seminário. Cada professor-autor dispõe de 20 minutos para exposição e, em seguida, responde aos questionamentos dos colegas presentes.

A singularidade da iniciativa é explicitada logo no momento da inscrição. O material requerido - um relato de prática -, por si só traduz o espírito do evento. Relato de prática é o registro das atividades de ensino realizadas no decorrer de um determinado período letivo. O texto final deve externar as intenções educativas, os procedimentos adotados no desenvolvimento das atividades e as reflexões sobre os efeitos do processo nos alunos. Também são desejáveis menções ao que se julga ter alcançado, o formato das avaliações e o retorno a uma atividade ou outra para retomar algum ponto importante que possa ter sido menos evidenciado precisam ser explicitados. Isso é particularmente relevante, pois propiciará material para análise e descoberta de alternativas tanto para o autor, que avalia sua prática enquanto elabora o registro, quanto para um eventual leitor, que poderá tomar para si as reflexões elaboradas (DELMANTO; FAUSTINIONI, 2009).

³ <<http://www.gpef.fe.usp.br>>. Acesso em: 14/08/2014

O interesse crescente da comunidade docente da área em compartilhar suas experiências ou acompanhar as discussões revela-se nas mais de 1.100 participações e nos 365 relatos de prática apresentados. Frise-se que o evento é restrito aos professores em atuação, e a exposição se limita às experiências de ensino. Não se trata, portanto, de um evento aberto a pesquisadores e estudantes para apresentação de trabalhos acadêmicos.

A busca nos anais dos eventos identificou 39 trabalhos pedagógicos que abordaram alguma modalidade esportiva. Muito embora a visibilidade conferida às demais manifestações corporais mereça uma reflexão à parte, o fato não será discutido aqui, pois, neste estudo, interessou-nos tão somente investigar o tratamento pedagógico do esporte nas experiências relatadas.

Os relatos selecionados foram lidos e submetidos à análise de conteúdo proposta por Franco (2005). Trata-se de um método de pesquisa utilizado para descrever e interpretar o conteúdo de diferentes textos. A análise de conteúdo permite reinterpretar mensagens e alcançar níveis mais elaborados de compreensão dos seus significados. O procedimento pode ser dividido em dois momentos distintos, mas conectados. O primeiro objetivou identificar as Unidades de Análise, e o segundo, a partir da seleção dessas, o material foi classificado segundo categorias.

A análise do material selecionado permitiu identificar que uma parcela dos professores concebe o trabalho com as modalidades esportivas como um meio de educação. Seguindo um raciocínio semelhante àquele que caracteriza a “consciência transitiva ingênua” (FREIRE, 1978), os docentes percebem a segmentação social provocada pela mera reprodução do sistema esportivo nas aulas e procuram adaptá-lo à escola e às características dos alunos, evitando a conhecida segregação dos “inábeis”. Todavia, não se arriscam a promover, junto com os estudantes, investigações sobre a presença do esporte na sociedade, seus significados, efeitos e os fatores causadores da exclusão. Tentam apenas equacioná-los, por meio de atividades que mimetizam a prática esportiva, por isso, não são capazes de implementar mudanças. Esforçam-se para que os estudantes incorporem a gestualidade e, assim, possam participar das aulas, ou apostam na

vivência como uma maneira de desenvolver nos alunos os domínios, cognitivos, afetivos e sociais do comportamento. Essa visão inspirou, no total, sete projetos: três objetivaram o ensino esportivo mediante a fixação de técnicas corporais e quatro pretenderam a aquisição de comportamentos socialmente desejáveis através da aprendizagem do esporte.

Um outro grupo de professores desenvolveu atividades de ensino que abordaram o esporte como artefato cultura produzido pela linguagem corporal. Concebendo-as como texto, proporcionaram aos alunos atividades de leitura e análise da gestualidade implicada nas práticas esportivas acompanhadas da atribuição de significados (NEIRA, 2013). Na perspectiva adotada pelos docentes, para desfrutar do esporte e com/sobre ele aprender, não basta saber executar seus movimentos. É preciso compreendê-lo enquanto fenômeno atravessado por distintos marcadores sociais, permeado por relações de poder e espaço de encontro e diálogo de diferentes culturas.

A criticidade dessa visão reside na organização de situações de ensino, em que professor e estudantes refletem criticamente sobre a ocorrência social do esporte, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para a mudança (FREIRE, 1997). Os professores, mediante uma prática pedagógica pautada no diálogo, despertaram a curiosidade epistemológica dos seus alunos acerca do patrimônio esportivo disponível na sociedade, aqui incluídos os discursos midiáticos. Buscando subsídios para ampliar e aprofundar as análises realizadas, educadores e educandos intercambiaram experiências e saberes, tomaram contato com outras representações e acessaram outras possibilidades para a prática esportiva na sociedade.

Os relatos que se encaixam nessa categoria retomam a história da modalidade, conhecem seu percurso e suas variadas transformações ao longo do tempo, o papel que lhe foi conferido por diversos grupos e em variadas épocas. As posturas dos praticantes também foram analisadas, fossem crianças, jovens, adultos ou idosos, homens ou mulheres de variadas etnias, níveis de habilidade e possibilidade de prática. Os professores promoveram leituras sobre o esporte, filmes, programas e documentários, discutiram pontos de vista com seus alunos,

possibilitando-lhes o acesso a posicionamentos diferentes. Obviamente, o esporte também foi vivenciado nas aulas, e esses momentos inspiraram análises e reconstrução das práticas.

A análise dos relatos de experiência apresentados nas várias edições do evento identificou 32 trabalhos, cujas ações didáticas narradas objetivaram o desenvolvimento da criticidade dos alunos com relação à ocorrência social do esporte.

3. Resultados

3.1. O esporte nas aulas de educação física: uma visão ingênua

No relato de prática apresentado, Matias e Galvão (2008) afirmam que o ensino do tênis, em turmas do ciclo I do ensino fundamental de uma escola estadual de Suzano (SP), possibilitou o conhecimento sobre o corpo e a identificação e exploração das habilidades motoras, além do estímulo às capacidades físicas e segmentos corporais. Lopes (2010) descreveu o método integrado para ensino esportivo, realizado em uma escola municipal de Cubatão (SP). Trata-se de uma proposta de iniciação esportiva global. Segundo o autor, um método que pode ser desenvolvido com qualquer modalidade e para todas as crianças de 04 a 16 anos.

Movido pelo mesmo raciocínio, Jabois (2014) desenvolveu uma experiência pedagógica com o *badminton* em uma escola pública de Itanhaém (SP), objetivando a ampliação do repertório motor. Para tanto, baseou-se na vivência prática de jogos reduzidos, em diversas formas e formatos, com o intuito de edificar o esporte na comunidade escolar.

Outras experiências narradas ressaltam o alcance de objetivos pedagógicos através do ensino esportivo. Na visão de Bello (2006), o projeto que desenvolveu junto aos alunos do ensino fundamental de Praia Grande (SP), no litoral paulista, não deixou de lado o prazer do esporte e seus benefícios físicos, ao socializar, por meio da vela, conceitos sociais, éticos e morais.

Por sua vez, Luz Júnior (2006) desenvolveu um trabalho pautado no ensino do futebol, em uma escola municipal de Santos (SP), com o objetivo de ensinar o

respeito às regras, a sociabilidade e as diferenças entre vitória e derrota. Moura Júnior (2008), com base na experiência desenvolvida em uma escola privada, situada no município de São Paulo, chega a prometer a paz através do ensino do *tchoukball*.

Lima (2014), em um projeto que focalizou a Copa do Mundo com as turmas da educação infantil em uma escola privada de São Paulo, afirma ter enriquecido o repertório motor das crianças e as relações socioafetivas, especificamente, os valores e cuidados com o outro.

3.2. O esporte nas aulas de educação física: uma visão crítica

A análise dos relatos de prática apresentados em todas as edições do Semef indica que a maior parcela das ações didáticas que abarcaram o esporte alinha-se a essa concepção de educação física, denominada “cultural” (NEIRA, 2011). Isso significa que vários professores que buscam o evento não atribuem aspectos salvacionistas ao esporte, nem tampouco concebem as aulas do componente como espaço para a simples aprendizagem da modalidade. No sentido contrário, dignificam o tratamento pedagógico conferido à manifestação corporal no currículo, compreendendo-a como objeto de estudo relevante na formação dos sujeitos da educação. Vejamos os enfoques conferidos.

Junto aos alunos do ensino médio de uma escola estadual, situada no município de Brotas (SP), Leite e Lemos (2006) problematizaram a relação entre os esportes de aventura e a preservação da natureza. Em uma escola privada paulistana, Nunes (2006) desenvolveu um estudo sobre a Copa do Mundo de Futebol com todo o ensino fundamental. Os alunos refletiram criticamente acerca desse fenômeno cultural, por meio de um projeto que integrou diversas áreas do conhecimento e, entre outras questões, discutiram a hegemonia dos países ricos, a criação de ídolos para o consumo, as relações de poder presentes em diversos campos sociais e a influência da mídia e da indústria cultural no futebol.

Pina (2006) narrou uma experiência desenvolvida com os alunos do 8º ano de uma escola municipal em Juiz de Fora (MG). Partindo da problematização da inacessibilidade de algumas camadas sociais ao basquete, foram discutidas a

origem e transformações da modalidade, técnicas, táticas, regras e a apropriação dos bens culturais. Monteiro (2008) decidiu tematizar o tênis de mesa, depois de a prática surgir no mapeamento da cultura corporal, realizado com as turmas do 7º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal de São Paulo. O trabalho incluiu diversas atividades de apreciação, vivência, aprofundamento, ressignificação e ampliação, proporcionando aos estudantes uma maior compreensão da modalidade em suas múltiplas dimensões e sua relação com a cultura na qual está inserida.

Fazendo uso de vídeos, textos e do patrimônio dos alunos referente aos esportes com raquete, o projeto desenvolvido por Gramorelli (2008) junto às turmas do 6º ano de uma escola privada situada na zona norte da cidade de São Paulo, contribuiu para o reconhecimento de outras culturas e a valorização das diferenças na sala de aula. Em um trabalho com os alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Caetano do Sul (SP), Lippi (2008) tematizou o voleibol. Tendo por objetivos compreender a manifestação como construção social que se transforma ativamente pela ação de diversos grupos sociais, além de proporcionar a apropriação de signos e significados pertencentes à gestualidade do voleibol. Para tanto, ao longo de um semestre, organizou ações didáticas de análise, interpretação e reflexão sobre a modalidade esportiva.

Em uma escola pública federal sergipana, Souza (2010) tematizou a prática local do futebol e do voleibol junto aos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Compreender as modalidades, enquanto manifestações culturais que ocorrem num determinado contexto sócio-histórico e assumem diferentes significados a partir das representações dos diferentes grupos culturais que delas se apropriam, ajudou os alunos a identificar e problematizar os significados presentes nos diferentes contextos de prática de Aracaju. Em sentido semelhante, Colombero (2010) problematizou a representação do futebol enquanto esporte masculino, inicialmente identificada nas turmas de 4º e 5º anos de uma escola municipal paulistana. Foram questionadas as relações de gênero, racismo e classe social que perpassam o esporte, bem como aspectos envolvendo torcidas organizadas, valor dos ingressos, horário dos jogos, mercantilização da prática etc. Pautada no

diálogo, a ação educativa permitiu que os alunos percebessem a construção e as transformações do futebol enquanto prática cultural.

Mazzoni (2010), atuando em uma escola privada da cidade de São Paulo, tematizou o futebol americano com as turmas do 3º ano do ensino médio. Mediante a intenção de entender e analisar as relações raciais que perpassam a prática esportiva, o professor discutiu os movimentos de resistência da população negra. Aproveitou para analisar as relações de poder e outros tipos de segregação presentes na sociedade e no mundo esportivo. Atuando também no ensino médio, mas em uma escola pública de Barueri (SP), Lozano (2010) aproveitou a realização a Copa do Mundo de Futebol da África do Sul para problematizar o que denominou de “paixão nacional”. Foram analisados aspectos como a presença das mulheres no esporte, a rivalidade entre as torcidas e vivenciadas diversas práticas da modalidade, desde as peladas aos jogos eletrônicos.

As relações vivenciadas na escola e no mundo do futebol foram a inspiração do trabalho de Andrade (2010), junto às turmas do 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo. O mapeamento realizado deu visibilidade a atitudes desrespeitosas entre os alunos relacionadas às questões de gênero. Foi o que levou a docente a transformar a questão da diferença no cerne da ação didática, mediante leituras, interpretações e ressignificações do futebol. No decorrer do projeto, constatou que as vozes antes silenciadas começaram a se manifestar, incomodadas com a discriminação que ocorria durante as aulas.

Gramorelli e Tapetti (2010) partiram do voleibol para tematizar o futevôlei, o vôlei adaptado, o vôlei paraolímpico, o biribol, o vôlei de praia e o punhobol, em uma escola privada da capital paulista. Os alunos do 7º ano do ensino fundamental investigaram sua ocorrência, formato e significados atribuídos, vivenciando-as durante as aulas. As informações foram socializadas através de vídeos, como também as análises acerca da sua pouca presença na mídia.

Após realizar um mapeamento com os alunos, no intuito de descobrir quais práticas pertencentes à cultura corporal da comunidade seriam tematizadas nas aulas de educação física, Barbosa (2012) selecionou o handebol. Os alunos do 9º

ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo iniciaram as vivências no formato conhecido. Surgiram divergências com relação às regras, escolha dos times, organização do tempo e pontuação do jogo. O grupo discutiu a necessidade de mudanças pensando na realidade da escola, resultando no “handebol da turma”. Uma aluna levantou a questão da agressividade e os conflitos com as minorias existentes na sala. Surgiu daí o interesse de pesquisar esportes com bola, que possuem pouco ou nenhum contato físico (handebol de areia, *tchoukball* e *rugby tag*). Foram estudadas as regras e materiais, além da realização de vivências de cada modalidade.

Motivada pelos comentários dos alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de São Paulo, Colombero (2012) intercalou o *funk* e o futebol nas aulas, tendo por objetivos conhecer suas histórias e os contextos de origem e prática na comunidade; relacionar o modo pelos quais os alunos as conhecem ou praticam; analisar, interpretar e vivenciar as múltiplas linguagens do corpo e dos movimentos expressivos no futebol e no *funk*; atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários; identificar as práticas discursivas presentes no *funk* e no futebol, que reforçam pejorativamente a identidade de raça, etnia, moradia, gênero etc., nas diversas vivências dentro e fora das aulas; e analisar criticamente a participação da mídia e suas influências.

Gonçalves (2012) problematizou as questões de gênero e racismo nos Jogos Olímpicos de Londres, junto aos alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal paulistana. O trabalho se iniciou pelo estudo dos símbolos, mitos, ídolos, modalidades e países participantes, participação das mulheres nos Jogos, além da história dos Jogos Olímpicos, Jogos Olímpicos de Inverno, Jogos Paraolímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude. As atividades de ensino incluíram rodas de conversa, vivências, pesquisas na sala de informática, além de outras situações que permitiram o aprofundamento e ampliação dos conhecimentos.

Outro trabalho que problematizou as relações de gênero junto às turmas do 7º ano do ensino fundamental, em uma escola do município de São Paulo, foi

desenvolvido por Gomes, Corsino e Ribeiro Neto (2012). Os professores promoveram a análise da ocorrência de situações de preconceito e discutiram a prática do *badminton* como um esporte de resistência às construções das diferenças. As ações didáticas oportunizaram cruzamentos de diversas fronteiras no cotidiano escolar, permitindo que os alunos assumissem posições distintas daquelas identificadas no início do projeto.

Os alunos do 4º ano manifestaram o desejo de reproduzir a prática do futebol americano na escola. Para tanto, Gregório (2012) estabeleceu um campo de diálogo, visando a reconhecer significados culturais, a partir de um contexto distinto daquele ao qual pertencem os alunos, questionando modelos e padrões impostos, reconhecendo que suas identidades culturais não possuem referências nos filmes que retratam o esporte. Os estudantes, não precisando transpor a cultura norte-americana para entender a prática tematizada, puderam, a partir das atividades propostas, reconstruir suas representações, reelaborar e hibridizar o esporte, criando novos significados a partir do ponto de vista dos grupos subjugados.

O *skate* foi o tema estudado pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, situada no distrito de São Miguel Paulista, na capital do estado. Ao mapear a comunidade, Santos (2012) identificou a prática da modalidade. Para potencializar as vozes daqueles que historicamente foram (e são) silenciados na instituição escolar, atrelou o trabalho pedagógico com o *skate* ao Projeto Político Pedagógico da escola. Elegendo como objetivo a desconstrução/reconstrução das relações de poder que permeiam a modalidade, foram propostas atividades para que os alunos pudessem acessar outras representações da manifestação corporal, a fim de desestabilizar a visão pejorativa que possuíam inicialmente. Ao final do projeto, observou que alguns alunos mantiveram as representações iniciais e seguiram afirmando que meninas não poderiam andar de *skate*. Contudo, passaram a respeitá-las durante a vivência da modalidade, durante as aulas, e a entender o *skate* não só como um instrumento utilizado para fins esportivos, mas também como meio de locomoção de algumas pessoas presentes na comunidade.

Com a intenção de desenvolver um projeto integrado ao estudo do meio, realizado em uma escola pública estadual situada no município de São Paulo, Reis (2012) elegeu o *parkour* como tema para o trabalho com as turmas do 1º ano do ensino médio. O ponto de partida foi a assistência ao vídeo *Parkour indoor*, gravado em uma academia de um bairro nobre de São Paulo. A partir de vivências das manobras realizadas nas aulas e da análise das modalidades do esporte presentes no filme, os alunos elaboraram, socializaram, experimentaram e registraram o seu próprio “percurso” que, posteriormente, foi comparado a outros acessados na Internet. Com o final do estudo, foi possível identificar mudanças nos discursos em relação à manifestação e à forma com que os estudantes se relacionam com os esportes radicais.

O *parkour* também foi tematizado nas aulas do 7º ano de uma escola municipal da capital paulista. Bonetto (2012) partiu da experiência de um aluno, que, nos finais de semana, praticava a modalidade na avenida Paulista e do contentamento daqueles que conheciam a modalidade pelas mídias sociais. O projeto contemplou diversas atividades de ensino, com destaque para a transformação de diversos espaços e locais da escola em ‘obstáculos’ a serem superados pelos alunos. Recorrendo a vídeos da Internet, foram conhecidas as principais técnicas, características e, sobretudo, os valores da modalidade. Na opinião do docente, a maior contribuição do projeto consistiu na modificação das representações que os alunos possuíam sobre as aulas de educação física.

O relato de Siqueira (2012) narra a experiência desenvolvida com todas as turmas do ciclo I do ensino fundamental de uma escola pública, situada no município de Osasco (SP). No início do ano letivo, os professores da instituição foram convidados a planejar as ações pedagógicas, visando ao aniversário da cidade, o slogan seria “Osasco 50 anos”. A professora de educação física listou as manifestações corporais tematizadas nos anos anteriores e, em conversa com as turmas, considerou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos o tema central do seu trabalho. A partir daí, elencou as manifestações esportivas praticadas no município e incluídas nos eventos citados, selecionando aquelas que mantinham alguma relação com as crianças. Dentre as atividades realizadas, os alunos

identificaram as características dos esportes; analisaram seu contexto histórico, as transformações ao longo do tempo e a relação com os grupos sociais (e as diferentes identidades), que criaram e recriaram os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Além disso, conheceram os locais de prática existentes no município, identificaram representantes dessas manifestações, as possibilidades oferecidas, seus aspectos profissionais ou de lazer; e, por fim, identificaram os praticantes das modalidades eleitas (quem são, suas origens, seus percursos, seus projetos de vida e suas relações com o esporte). Foram desenvolvidas atividades com características distintas, segundo o enfoque selecionado para cada ano escolar. As ações didáticas incluíram vivências, pesquisas, entrevistas com praticantes, visitas e reconstrução crítica das modalidades na escola. Na visão da professora, a escolha de um tema para todas as turmas foi interessante, pois possibilitou conversas, reflexões e descobertas, realizadas por crianças situadas em diferentes momentos da escolarização, o que potencializou trocas de conhecimentos entre as turmas. Também avaliou de forma benéfica a aproximação com as manifestações corporais realizadas na cidade, muitas vezes, sem que os alunos soubessem da sua ocorrência.

Escudero (2014) partiu de um embate com os alunos da 8ª série de uma escola municipal paulistana, para definir o futebol como tema de estudo. As atividades desenvolvidas tematizaram a modalidade e promoveram a comparação da gestualidade empregada pelos atletas e pelos próprios alunos. Na mesma rede de ensino, Vaghetti (2014) se amparou nos estudos culturais, para fomentar a análise de como o futebol se entrelaça com a sociedade, construindo identidades e diferenças. A partir de representações acerca do tema, os alunos foram convidados a falar de si e do outro, daquilo que os envolve, daquilo que os faz humanos e da sua existência, a fim de produzirem outros significados relativos aos problemas enfrentados durante as aulas.

Portapila (2014) também problematizou a modalidade, mas com um olhar diferente. Organizou e desenvolveu situações didáticas que viabilizaram a análise da ocorrência social da modalidade, através da leitura crítica de textos

jornalísticos. As crianças da escola estadual, situada na periferia da cidade de São Paulo, discutiram o funcionamento dos campeonatos e ressignificaram a própria vivência, a partir das sínteses realizadas através das atividades de ensino. Na mesma direção, Santos e Nunes (2014) realizaram um trabalho com o futebol, em uma escola da rede SESI da capital paulista, com o objetivo de ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca da comunicação gestual, instigando os alunos a “entrar de cabeça” no mundo “real, obscuro, desconhecido e diversificado” do futebol, conhecendo suas raízes, suas diferentes formas de jogar, suas interpretações e visões, além dos modos conhecidos ou não de se praticar o futebol, bem como as relações que envolvem essa prática esportiva (econômica, social, inclusiva etc.).

O futebol também foi abordado nas aulas de educação física, de uma escola estadual situada na zona sul da cidade de São Paulo (SOUZA, 2014). Ao “trazer” para a escola o futebol de rua, o professor propiciou aos alunos o reconhecimento e a valorização de uma prática corporal a cada dia menos presente na comunidade. Os estudantes puderam identificar suas principais características e locais em que ocorre, vivenciar diferentes formatos e reconhecer a prática como manifestação cultural.

O projeto desenvolvido por Santos (2014) tematizou a presença do *skate* na comunidade do Itaim Paulista, um bairro paulistano da zona leste. Os alunos da escola municipal puderam vivenciar a modalidade nas aulas e realizar atividades de ensino, que possibilitaram aprofundar e ampliar os conhecimentos. Finalizando os trabalhos, o professor organizou um seminário com a temática, ocasião em que os saberes dos estudantes foram valorizados e as experiências dos skatistas puderam ser mais bem compreendidas.

Com a realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, provavelmente, diversos trabalhos foram desenvolvidos nas aulas de educação física. Quaresma (2014), em uma escola pública da capital paulista, Sousa (2014), em uma escola municipal de São Bernardo do Campo (SP), e Borges (2014), em uma escola estadual de Sorocaba (SP), tematizaram o evento. Os três docentes proporcionaram aos seus alunos situações didáticas, que desconstruíram o

ufanismo em torno da Copa no Brasil, realizaram análises dos fatores precedentes, dos interesses envolvidos e das consequências para a população das cidades que sediaram os jogos.

4. Análises

Nos relatos pertencentes à primeira categoria, aqui denominada de “visão ingênua”, constata-se a transformação das aulas de educação física em ocasiões para a fixação da gestualidade esportiva e a ingenuidade do entendimento linear entre o ensino do esporte e a aprendizagem de comportamentos que transcendem a vivência corporal.

O estudo meticoloso de Franco Júnior (2007) revela exatamente o oposto: é bem raro que valores socialmente desejáveis, como respeito mútuo, ética, não discriminação, companheirismo, comportamento democrático, altruísmo e humildade sejam semeados nos campos de treinamento e competição.

Observemos mais cuidadosamente o fenômeno, com a ajuda de Elias (1990). É fácil perceber que valores como perseverança, esforço individual, talento pessoal, competitividade, superação de limites e comportamento arrojado são requisitos necessários ao sucesso em quase todas as modalidades. Não seriam esses, justamente, os valores cultuados pela sociedade capitalista? O século XX, afirma o autor, deu guarida à ascensão dessas duas forças. Por um lado, o capitalismo selvagem e, por outro, um dos seus poderosos braços ideológicos, o esporte.

Simultaneamente ao processo de industrialização, homens e mulheres foram transformados em máquinas, a fim de produzirem cada vez mais e melhor. Quebrar recordes e vencer seguem como atributos da indústria e do esporte. Mais recentemente, sob os auspícios do pós-modernismo, essa mesma performance, transfigurada em produto estético a ser veiculado pelos meios de comunicação, passou a ser utilizada para promover o acúmulo de dividendos (DAMO, 2012). Obviamente, o esporte não pode ser responsabilizado pelo uso que fazem dele, mas não há como negar que, num contexto neoliberal, no qual o consumo e o sucesso parametrizam todas as ações, o esporte cai como uma luva. Em outras

palavras, coisificam-se os atletas, transformando-os em objetos de fetiche. Veja-se, por exemplo, como são comercializados e a presença maciça dos bem-sucedidos nas peças de publicidade.

No tocante à educação, há muito já se sabe que as formas tradicionais de ensino do esporte inculcam nos educandos valores nocivos à justiça social, contribuindo para formar uma consciência ideologicamente falsa (BRACHT, 1986). Vale recordar Althusser (1983), quando afirma que o funcionamento da sociedade capitalista depende de uma série de instituições que atuam diretamente na disseminação da ideologia dominante, convencendo os sujeitos a aceitar e obedecer a suas regras. Isso posto, não podemos permanecer na postura ingênua, que concebe a prática esportiva como responsável por efeitos positivos na formação nossas crianças e jovens.

Morin (2002) critica a ideia de controle da realidade por meio do pensamento simples ou simplificador. O sociólogo francês alerta para os riscos desse pensamento reducionista, quando direcionado a fenômenos complexos como a educação. O desenvolvimento de comportamentos humanos deriva de uma quantidade extrema de interações e interferências entre um número muito grande de unidades, inexistindo qualquer meio de controlá-las.

Seguindo esse raciocínio, é impossível generalizar eventuais efeitos pedagógicos do esporte nas aulas de educação física. Cada professor possui uma trajetória de formação e determinadas concepções de mundo, ensino, aprendizagem e, provavelmente, prática esportiva. Seu repertório cultural foi construído em meio ao tecido social. Durante o exercício profissional, o docente compartilha o espaço das aulas com grupos de crianças e jovens que, por sua vez, também têm sua forma de ver a vida e o esporte, trazendo para as aulas seus próprios patrimônios. Possuem sentimentos e desejos específicos e dominam determinados gestos, atitudes e conhecimentos, que não são necessariamente os mesmos do professor e dos colegas.

Pensemos em todas as relações que podem acontecer nesse espaço em um dia de aula, em uma semana, em um mês... e durante um ano. Pensemos em todas as variações contextuais que podem intervir nessas relações, que estão à

mercê dos estados de ânimo de um ou mais atores, do que viram, ouviram, fizeram ou disseram, de seus valores e, obviamente, das experiências externas às aulas que vão colecionando. Nessa situação, convenhamos, é bem difícil esperar que todos os estudantes adquiram exatamente as habilidades afetivas e sociais que seu professor pretende transmitir com a prática esportiva.

Por outro lado, a análise dos relatos de prática alinhados à perspectiva cultural da educação física, agrupados na segunda categoria, aqui denominada “visão crítica”, permitiu a identificação de algumas distinções com relação ao ensino esportivo que caracterizou o grupo anterior.

Inversamente às recomendações convencionais, a perspectiva cultural não recorre a taxionomias, nem tampouco às gradações e sequências para distribuição dos conteúdos. Não há um conhecimento mais fácil e adequado ao ciclo inicial do ensino fundamental ou mais complexo para o ensino médio. O que se observa é que os professores trabalharam com a modalidade esportiva em sua inteireza, sem recorrer às fragmentações que caracterizam os jogos pré-desportivos ou sequências pedagógicas. Qualquer esporte pode ser estudado em qualquer etapa da educação básica. É óbvio que, conforme o grupo social, as experiências culturais corporais são disponibilizadas diferentemente às crianças e jovens e, mesmo no interior desses grupos, elas ocorrem de forma muito variada. Se as crianças são socializadas nos códigos esportivos pela família e pela televisão, os jovens, por sua vez, usufruem de inúmeras alternativas para acessar esses conhecimentos.

É interessante observar, nos relatos de prática que procuraram desenvolver uma visão crítica, que o esporte a ser estudado foi selecionado através do mapeamento. Para coletar as informações necessárias, os educadores realizaram uma pesquisa de campo, reconheceram os locais de prática existentes na comunidade, observaram a ocorrência de manifestações corporais ou constataram uma temática candente nas turmas com que trabalharam.

Foi com base nessas informações, que os professores organizaram seus planos de trabalho. As atividades de ensino propostas problematizaram determinados aspectos do esporte escolhido, promoveram situações desafiadoras

e levaram os alunos à busca de respostas para uma melhor compreensão da realidade. Os conteúdos aprendidos e a duração dos trabalhos variaram em função das características da temática, grau de aprofundamento desejado e posicionamentos da turma. Frise-se que o interesse dos alunos correspondeu às experiências culturais que possuíam, e que as atividades propostas sofreram influências das condições da escola e das características da modalidade estudada. Enquanto certos temas provocaram grande curiosidade e necessidade de saber mais, o que levou os docentes a elaborarem uma quantidade maior de atividades de ensino e reorientarem suas ações didáticas, outros demonstraram possibilidades de enriquecimento mais limitadas.

Outra característica das práticas analisadas é a compreensão do que venha a ser conteúdo de ensino. Os conhecimentos aprendidos emergiram da problematização desencadeada pelas atividades de ensino, levando em conta o esforço do grupo para sanar as dúvidas que surgiram durante o trabalho. Os professores permaneceram atentos às relações de poder embutidas na ocorrência social do esporte, procurando ajudar os alunos a interpretá-las e desvendar quais identidades são legitimadas e/ou negadas. Nessas circunstâncias, enfatizaram-se indagações acerca das condições assimétricas atravessadas por questões de gênero, consumo, história, formas de organização da prática, gestos e recursos empregados, entre outros aspectos, visíveis ou não, que caracterizavam a temática em pauta.

Observou-se, nas práticas narradas, a preocupação com o diálogo e a leitura da gestualidade implícita nos esportes. A interpretação da prática esportiva estimulada pelas atividades propostas promoveu a interação coletiva, além da reorganização e discussão de outras possibilidades de vivência. Ou seja, valorizaram-se as diversas formas de expressar e comunicar aquela modalidade, explorando tal diversidade com base no repertório coletivo da linguagem corporal. Para tanto, na maioria dos casos, os professores investigaram previamente os aspectos mais relevantes da modalidade e planejaram adequadamente as atividades e os espaços (em grupo ou individualmente, na quadra ou na sala de vídeo, autorizações necessárias, materiais, questões, explicações,

demonstrações, vivências, discussões nos grupos, trabalhos gráficos, realização de debates, assistência de material audiovisual, apresentação de convidados, organização do acesso aos materiais informativos no transcorrer da aula, organização do tempo das atividades e as possíveis implicações na estrutura dos horários escolares), mesmo que tivessem dialogado com as turmas acerca do plano de trabalho para coletar sugestões e ideias sobre as atividades.

Nos relatos que configuram a segunda categoria, o esporte objeto de estudo foi concebido como prática social e, como tal, é criado e recriado por aqueles que dele participam ou pelos discursos sobre ele emitidos. Assim, foram questionados os discursos que essencializam ou naturalizam certas modalidades, por exemplo, “futebol é coisa de meninos” ou “*parkour* e *skate* são coisas de vagabundos”. Ler e interpretar os códigos veiculados com relação às manifestações corporais constituiu-se numa ação didática fundamental. Os alunos foram constantemente convidados a analisar a configuração e posicionamento do esporte no tecido social, bem como dos seus representantes, (como acontece, quais as características da prática, regras, técnicas, táticas, quem participa, quais os recursos necessários, onde se localiza etc.), sua divulgação (ou falta de) na mídia, o modo como se organiza em outros espaços, como é representado pelos próprios alunos ou por outros grupos culturais, quais os discursos que o tornaram dominante ou subjugado etc. Questões que remeteram os alunos à análise do seu cotidiano e recorreram a conhecimentos de outras áreas, dando-lhes uma noção da complexidade das relações sociais que assolam as modalidades esportivas e seus praticantes.

Os professores também promoveram variadas situações didáticas que priorizaram a vivência corporal, submetendo-as também à leitura e interpretação. Diante das diferenças entre a prática social do esporte no seu *locus* original e a realidade da escola (número de alunos, espaço, tempo, material etc.), os alunos foram estimulados a elaborar novas formas de realizá-lo, tencionando facilitar a compreensão da manifestação e do processo de transformação vivido por quase todos os produtos culturais. As peculiaridades de cada grupo e de cada escola foram levadas em conta por ocasião da reconstrução coletiva da modalidade

objeto de estudo, proporcionando aos alunos uma experiência real da dinâmica cultural. Vale lembrar que tanto participa aquele que lê a gestualidade, interpreta-a e sugere modificações, quanto quem as executa. Essas posições foram alternadas ao longo das atividades de ensino.

Considerando que a maioria dos esportes atravessou um longo processo de transformações desde o seu surgimento, os professores estimularam os alunos a experimentar novos formatos e a avaliar a eficácia das próprias produções. Com isso, os alunos foram posicionados na condição de sujeitos históricos e produtores de cultura, em condições semelhantes ao que acontece fora da escola. Sempre que um grupo social, movido por variadas intenções, se apropria de um artefato pertencente a outro, ou, diante de alterações das condições existentes, seus próprios representantes recriam o produto original, visando a readequá-lo e garantir sua permanência ao longo do tempo, a essência ou os significados do produto podem perder o caráter primário e assumir novas e distintas configurações.

Foi possível constatar, nas narrativas analisadas, que os docentes se apropriaram dessa dinâmica cultural e valorizaram, no decorrer das aulas, a experimentação dos diversos formatos de prática conhecidos pelos alunos, bem como ofereceram condições para que experimentassem todas as alterações possíveis, a fim de que vivenciassem diferentes papéis sociais e elaborassem seus próprios produtos culturais. Ao final dos trabalhos, o que se obteve foi o handebol, o basquete, o *parkour* etc. de cada turma.

Outra característica dos trabalhos relatados é a presença de atividades de ensino que promoveram o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos. Visitas aos espaços onde ocorrem as práticas corporais, palestras com especialistas ou com pessoas com uma história de vida marcada pela prática da manifestação, aulas demonstrativas com estudantes praticantes matriculados em outras turmas da escola ou pessoas da comunidade, análise e interpretação de vídeos e textos dos diversos gêneros literários, mediação do docente, realização de pesquisas orientadas previamente, entre outras situações didáticas, permitiram

não somente um conhecimento mais profundo do esporte estudado, como também o acesso a outras representações da modalidade.

Os aspectos destacados pelos alunos ou pelo professor, durante o aprofundamento, fomentaram outras vertentes de análise, vivências e pesquisas. O olhar dos estudantes sobre os esportes tematizados foi enriquecido mediante atividades de leitura, interpretação e construção de textos, análise de imagens, músicas e vídeos, diálogos com alunos de outras turmas, entrevistas com convidados, preparação para socialização do que foi aprendido através de apresentações nos eventos da escola, exposições de trabalhos nos dias festivos, elaboração de portfólios e demais produções dos estudantes.

Durante as atividades de ensino, as observações, análises e interpretações de tudo o que aconteceu constituíram-se como informações privilegiadas para a avaliação do trabalho pedagógico. O registro das atividades desenvolvidas foi uma ação constatada em todos os relatos analisados; o próprio documento, por si só, já se constitui em registro do que aconteceu. Nele constam encaminhamentos efetuados, respostas dos educandos e arquivamento de alguns exemplares dos materiais produzidos durante as aulas ou a partir delas. A coleta de informações sobre o processo subsidiou a reflexão a respeito da prática pedagógica e acumulou indícios para identificar tanto os acertos quanto os possíveis equívocos cometidos no decorrer das atividades de ensino.

Uma vez que o mapeamento diagnosticou a cultura de chegada, os registros que os professores elaboraram ao longo do processo facilitaram a identificação das insuficiências e alcances das atividades de ensino desenvolvidas. As atividades propostas mereceram um olhar atento, especialmente, para as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos e entre eles e os conhecimentos abordados. Com frequência, os questionamentos, interesses e conflitos identificados pelos envolvidos apontaram a necessidade de elaborar e conduzir novas atividades de ensino.

O registro do processo não impediu que muitos educadores organizassem atividades avaliativas específicas ao final dos projetos, visando a descobrir em que medida os procedimentos didáticos realizados contribuíram para ampliar o

repertório dos conhecimentos do grupo, bem como a superação dos preconceitos e concepções inicialmente reveladas. Uma análise mais detalhada do produto final que os alunos elaboraram como consequência dos trabalhos (apresentação, relatório, coreografia, exposição, portfólio, ou, simplesmente, os depoimentos sobre a manifestação corporal tematizada e seus representantes), quando entrecruzada com os registros do processo, constituiu-se em elementos privilegiados para avaliar as modificações dos conhecimentos levantados por ocasião do mapeamento.

Considerações finais

Alegra-nos a constatação de que a maioria dos trabalhos que tematizaram o esporte apresentados nas quatro edições do Semef indicam uma mudança significativa com relação ao paradigma convencional do ensino esportivo, consubstanciada na adoção da perspectiva cultural do componente. Dentre os diversos aspectos que caracterizam a pedagogia adotada, o enfoque nas atividades coletivas e a valorização atribuída às vozes dos representantes das culturas que coabitam a sociedade merecem ser ressaltados.

Ao invés de priorizar ações sem significado, as atividades de ensino se envolveram com a análise e problematização das práticas esportivas e das questões que as envolvem. O emprego de tarefas coletivas exigiu conversas constantes que frutificaram em intercâmbio de representações potencializadas com leituras, vídeos, diálogo com praticantes e convidados.

Não somente a linguagem corporal teve lugar, mas também a oral, digital, musical, pictórica, entre outras, comumente mais acessíveis às crianças e jovens. Através dessas formas de expressão, a ideologia da cultura dominante e as ideologias das outras culturas foram confrontadas. O esporte não foi acessado do ponto de vista exclusivo dos bem-sucedidos e midiáticos, também foram acessados como conhecimentos relevantes, os modos de ver das mulheres, pobres, moradores da periferia, idosos e não praticantes.

Em tom de finalização, é importante dizer que a perspectiva cultural da Educação Física representada nos relatos analisados precisa transformar-se em

objeto de estudo de um contingente maior de professores e pesquisadores. Não devemos aceitá-la sem debate ou crítica. Não pode haver uma proposta definitiva, um só caminho a seguir. Outros são possíveis e necessários. Ao leitor, fica o convite para dialogar com as análises realizadas, rejeitá-las e lançar sugestões. A hibridização e a ressignificação, mais que desejáveis, são ações imprescindíveis à continuidade da produção de conhecimentos.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ANDRADE, B. C. *Futebol das diferenças*. Relato de Prática, 2010.
- BARBOSA, A. J. *Tematizando o handebol nas aulas de Educação Física*. Relato de Prática, 2012.
- BELLO, S. S. O. *De vento em popa*. Relato de Prática, 2006.
- BONETTO, P. *Le Parkour no Julio: um relato de transformação curricular*. Relato de Prática, 2012.
- BORGES, C. C. O. B. *Copa do Mundo de futebol no Brasil: quem perde com este jogo?* Relato de prática, 2014.
- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 2, p. 62-68, 1986.
- COLOMBERO, R. M. P. *Com futebol se faz cidadania*. Relato de Prática, 2010.
- _____. *Projeto funk futebol: quais são as suas identidades?* Relato de Prática, 2012.
- DAMO, A. S. O desejo, o direito e o dever – a trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento*, v. 18, n. 02, p.41-81, abr/jun 2012.
- DELMANTO, D.; FAUSTINONI, L. E. Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento. In: GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. *Reorientação curricular do 6º ao 9º ano: currículo em debate – Relatos de Práticas Pedagógicas*. Goiânia: SEE/GO, 2009. p. 10-12.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- ESCUDERO, N. T. G. *Das lutas ao futebol*. Relato de prática, 2014.
- FEUSP. *V Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física*. Disponível em <www.gpef.fe.usp.br>. Acesso em 28/07/2014.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Líber, 2005.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, N. C., CORSINO, L. N.; RIBEIRO NETO, F. J. *O badminton na Educação Física escolar: uma experiência a partir da categoria gênero*. Relato de Prática, 2012.

GONÇALVES, N. *Jogos Olímpicos e marcadores sociais: gênero e racismo em foco*. Relato de Prática, 2012.

GRAMORELLI, L. C. *A cultura corporal do aluno como conteúdo curricular nas aulas de educação física: esportes com raquetes*. Relato de Prática, 2008.

LIMA, A. V. *Inserindo a educação infantil no contexto da Copa do Mundo*. Relato de Prática, 2014.

MATIAS, R. A.; GALVÃO, Z. *Tênis na escola: uma proposta além da dimensão procedimental*. Relato de Prática, 2008.

GRAMORELLI, L. C.; TAPETTI, C. H. *A cultura corporal nas aulas de educação física: o mundo do voleibol*. Relato de Prática, 2010.

GREGÓRIO, A. B. *Futebol americano e as líderes de torcida*. Relato de Prática, 2012.

JABOIS, D. P. *A escola que “chuta também rebate”*: o jogo de badminton como prática pedagógica nas aulas de educação física escolar. Relato de prática, 2014.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LEITE, F. I. L.; LEMOS, F. R. M. *A “escalada” na educação física escolar*. Relato de Prática, 2006.

LIPPI, B. G. *Voleibol: possibilidades de vivência e interpretação*. Relato de prática, 2008.

LOPES, A. A. S. M. *O método integrado de ensino dos jogos desportivos coletivos nas aulas de educação física escolar no município de Cubatão (SP): uma forma adequada de utilizar os conteúdos esportivos na escola*. Relato de Prática, 2010.

LOZANO, M. C. *Paixão Nacional*. Relato de Prática, 2010.

LUZ JÚNIOR, W. J. *A relevância do futebol como aspecto pedagógico no ensino fundamental de 5ª à 8ª séries*. Relato de Prática, 2006.

MAZZONI, A. V. *Futebol americano: território sem fronteiras*. Relato de Prática, 2010.

MONTEIRO, F. *Pingue-pongue na escola: uma proposta na perspectiva cultural da educação física*. Relato de Prática, 2008.

- MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.
- NEIRA, M. G. *A reflexão e a prática do ensino – educação física*. São Paulo: Blucher, 2011.
- _____. O lugar do esporte no currículo cultural da educação física. In: ANTUNES, A.F.; LEVANDOSKI, G.; FREITAS JÚNIOR, M. A. *Educação física, esporte e qualidade de vida*. Curitiba: CRV, 2013. p. 9-24.
- NUNES, M. L. F. *Futebol na escola em ano de Copa do Mundo*. Relato de Prática, 2006.
- PINA, L. D. *O basquete numa perspectiva crítica da cultura corporal*. Relato de Prática, 2006.
- PORTAPILA, D. M. O. *Quando o familiar se mostra estranho: um olhar diferente para o futebol*. Relato de prática, 2014.
- QUARESMA, F. N. *Futebol e Copa do Mundo: um olhar diferente*. Relato de prática, 2014.
- REIS, R. *O Le Parkour e seus caminhos no 1º ano do ensino médio: por uma Educação Física multicultural*. Relato de Prática, 2012.
- SANTOS, A. S. C.; NUNES, H. C. B. *Futebol também se aprende na escola!* Relato de prática, 2014.
- SANTOS, D. A. *Superando obstáculos: uma experiência com o skate na escola*. Relato de prática, 2014.
- SANTOS, L. A. *Projeto skate: “As meninas vão fazer o quê, professor?”* Relato de Prática, 2012.
- SIQUEIRA, C. C. *De Osasco a Londres*. Relato de Prática, 2012.
- SOUSA, C. A. *Copa do Mundo de Futebol 2014: a perspectiva cultural no jogo*. Relato de prática, 2014.
- SOUZA, L. R. S. *Futebol de rua vai à escola*. Relato de prática, 2014.
- SOUZA, M. M. N. *Futebol e voleibol: que “jogos” são esses?* Relato de Prática, 2010.
- VAGHETTI, F. C. *Futebol da molecada*. Relato de prática, 2014.